



**Lourival Sant'Anna** carta@lourivalsantanna.com

## Escalada de proporções inesperadas

O ataque do Irã contra Israel não foi uma retaliação, mas uma escalada formidável de proporções inesperadas. O lançamento de uma centena de drones, e também de mísseis, contra Israel foi desproporcional em relação ao bombardeio de uma instalação iraniana em Damasco, que matou oficiais da Guarda Revolucionária iraniana no dia 1.º de abril. Foi inesperado porque havia um consenso entre analistas, incluindo eu, de que o Irã não teria interesse em provocar um ataque direto de Israel e Estados Unidos contra alvos em seu território.

Foi precisamente o que o regime iraniano fez, pela primeira vez, ultrapassando um claro limite observado até aqui. O Irã atacava antes Israel por meio de grupos que patrocina, como o Hamas, da Faixa de Gaza, o Hezbollah, do Líbano, os houthis, do Iêmen, e milícias no Iraque e na Síria. Aparentemente, parte dos projéteis foi disparada do Iraque e da Síria, mas outra parte, de bases no Irã. Pela quantidade de projéteis dispa-

rados, o objetivo pode ser sobrecarregar os sistemas antiaéreos israelenses para elevar as chances de parte deles atravessá-los e atingir alvos.

Caças americanos interceptaram drones no ar. A Jordânia, que fica entre os territórios israelense e iraniano, afirmou que também interceptaria aqueles que passassem em seu espaço aéreo. É provável que a Arábia Saudita fizesse o mesmo. Ainda assim, dezenas de projéteis chegaram até os céus de Jerusalém a partir das 19h50 de Brasília, 1h50 da madrugada de domingo em Israel. Os drones foram disparados em primeiro lugar, por volta de 17h de Brasília, e eles levam horas para alcançar Israel. Depois, segundo a mídia oficial iraniana, por volta de 19h foram empregados mísseis balísticos, que levam apenas minutos para atingir os alvos.

As Forças de Defesa de Israel reforçaram a proteção do complexo nuclear de Dimona e da base aérea de Nevatim, que abriga os avançados caças americanos F-35, ambos no Deser-

***Desta vez, parte dos projéteis foi disparada de bases no Irã, marcando uma nova fase do conflito***

to do Negev. Outra área cuja defesa foi reforçada foram as Colinas do Golan, que Israel tomou militarmente da Síria na

Guerra dos Seis Dias, em 1967. As colinas foram alvo também de foguetes Katiucha disparados pelo Hezbollah.

Dois fatores essenciais que ainda não estavam claros na noite de sábado definirão o andamento dessa escalada: qual será a dimensão dela e a reação de Israel e dos Estados Unidos. O segundo fator obviamente depende do primeiro. O Irã tem um sofisticado e amplo arsenal de mísseis balísticos e de cruzeiro (que têm propulsão própria), com altas cargas explosivas e considerável precisão. O segundo aspecto da envergadura desse ataque é se ele envolverá também o Hezbollah, que tem um arsenal estimado em 150 mil foguetes e mísseis, além de 100 mil combatentes.

Mas, da mesma forma que o ataque contra o quartel-general da Guarda Revolucionária em Damasco, que o Irã afirma ser o seu consulado, causaria necessariamente uma resposta do Irã, esse ataque iraniano também necessariamente causará uma resposta de Israel, e talvez dos EUA. E

ela será robusta.

Neste estágio inicial, quem sai vencendo politicamente é o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu. Antes de Israel matar os generais iranianos em Damasco, há duas semanas, o governo americano vinha se afastando de Netanyahu por causa da desproporcionalidade da campanha na Faixa de Gaza, em comparação aos ataques terroristas cometidos pelo Hamas em 7 de outubro. Agora, os EUA retomam o apoio incondicional a Israel diante da ameaça de seu principal inimigo.

Entre uma coisa e outra, Netanyahu já havia torpedeado as negociações para a libertação dos reféns na Faixa de Gaza, ao autorizar um bombardeio que matou três filhos e quatro netos do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh. Claramente, o primeiro-ministro não deseja a desescalada do conflito, como afirma grande parte da opinião pública israelense. ●

É COLUNISTA DO ESTADO E ANALISTA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

### ● Conflito no Oriente Médio

## Irã captura navio de contêineres e Israel denuncia ação de pirataria

**Embarcação de bandeira portuguesa é associada a grupo de empresário israelense, o bilionário Eyal Ofer**

TEERÁ

Comandos da Guarda Revolucionária paramilitar do Irã apreenderam ontem uma embarcação ligada a Israel, em mais um episódio de tensão entre os dois países. O navio era um cargueiro de contêineres que estava perto do Estreito de Ormuz.

Agência estatal iraniana Irna disse que uma unidade de forças especiais da marinha da Guarda realizou o ataque à embarcação, o MSC Aries, de bandeira portuguesa – um navio de contêineres associado à Zodiac Maritime, com sede em Londres. A Zodiac Maritime faz parte do Zodiac Group, de propriedade do bilionário israelense Eyal Ofer.

A Zodiac se recusou a comentar o episódio. Já a MSC, com sede em Genebra, reco-



Vídeo mostra momento da abordagem do navio, que teria sido levado para águas territoriais do Irã

neceu posteriormente a apreensão, e disse que 25 tripulantes estavam a bordo da embarcação. A Irna disse que a Guarda levaria o navio para as águas territoriais iranianas.

Mais cedo, uma autoridade de defesa do Oriente Médio, que falou sob condição de anonimato, compartilhou um vídeo do ataque com a agência de notícias Associated Press. Nele, os comandos iranianos são vistos descendo de rapel sobre uma pilha de contêineres no convés do navio.

**ABORDAGEM.** Um membro da tripulação do navio pode ser ouvido dizendo: “Não saiam”. Ele, então, diz a seus colegas para irem para a ponte do navio, enquanto mais soldados descem no convés. Um deles pode ser visto ajoelhado acima dos outros para dar cobertura de fogo em potencial.

O vídeo correspondia aos detalhes conhecidos do MSC Aries. O helicóptero usado também parecia ser um helicóptero Mil Mi-17 da era soviética, que tanto a Guarda quan-

to os houthis do Iêmen, apoiados pelo Irã, usaram no passado para conduzir séries de ataques a navios.

As Operações de Comércio Marítimo do Reino Unido descreveram a embarcação como tendo sido “apreendida por autoridades regionais” no Golfo de Omã, ao largo da cidade portuária de Fujairah, nos Emirados Árabes Unidos, sem entrar em detalhes.

O MSC Aries foi localizado pela última vez ao largo de Dubai, em direção ao Estreito de

Ormuz, na sexta-feira. O navio havia desligado seus dados de rastreamento, o que tem sido comum para navios ligados a Israel que passam pela região.

**REAÇÃO.** O ministro das Relações Exteriores de Israel, Israel Katz, pediu às nações que listassem a Guarda como uma organização terrorista. O Irã “é um regime criminoso que apoia os crimes do Hamas e agora está conduzindo uma operação pirata em violação ao direito internacional”, disse.

Em apreensões anteriores, o

**Estratégia**  
**Navios ligados a Israel têm desligado seus dados de rastreamento na região para fugir de ataques**

Irã ofereceu explicações iniciais sobre suas operações para fazer parecer que os ataques não tinham nada a ver com as tensões geopolíticas mais amplas – embora depois reconhecesse isso. No ataque de ontem, no entanto, o Irã não ofereceu nenhuma explicação para a apreensão, a não ser dizer que o MSC Aries tinha ligações com Israel. ● AP

ESTE CONTEÚDO FOI TRADUZIDO COM O AUXÍLIO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E REVISADO POR NOSSA EQUIPE EDITORIAL.